

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Designers da Editora CRV
Arte de Capa: StockVectorsIllustrations/Shutterstock.com
Revisão: Analista de Escrita e Artes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE
Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

G324

Gênero em perspectiva / Larissa Ferreira (organizadora) – Curitiba: CRV, 2020.
194 p.

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-5578-995-9

ISBN Físico 978-65-5578-992-8

DOI 10.24824/978655578992.8

1. Educação 2. Questões de gênero 3. Equidade I. Ferreira, Larissa. org. II. Título III. Série.

CDU 37

CDD 370.19345

Índice para catálogo sistemático

1. Educação – gênero 370.19345

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL
EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2020

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial: Comitê Científico:

- Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Federico Domínguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional
Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Elíone Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Élsio José Corá (UFS)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade
de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade
de La Havana – Cuba)
Helmuth Krüger (UCP)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)
- Altair Alberto Fávero (UPF)
Ana Chrystina Venancio Mignot (UERJ)
Andréia N. Militão (UEMS)
Anna Augusta Sampaio de Oliveira (UNESP)
Barbara Coelho Neves (UFBA)
Cesar Gerónimo Tello (Universidad Nacional
de Três de Febrero – Argentina)
Diosnel Centurion (Univ Americ. de Asunción – Py)
Eliane Rose Maio (UEM)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Fauston Negreiros (UFPI)
Francisco Ari de Andrade (UFC)
Gláucia Maria dos Santos Jorge (UFOP)
Helder Buenos Aires de Carvalho (UFPI)
Ilma Passos A. Veiga (UNICEUB)
Inês Bragança (UERJ)
José de Ribamar Sousa Pereira (UCB)
Jussara Fraga Portugal (UNEB)
Kilwandy Kya Kapitango-a-Samba (Unemat)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira (UNIVASF)
Marcos Vinicius Francisco (UNOESTE)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Eurácia Barreto de Andrade (UFRB)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Mohammed Elhajji (UFRJ)
Mônica Pereira dos Santos (UFRJ)
Najela Tavares Ujiic (UTFPR)
Nilson José Machado (USP)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Sílvia Regina Canan (URI)
Sonia Maria Ferreira Koehler (UNISAL)
Suzana dos Santos Gomes (UFMG)
Vânia Alves Martins Chaigar (FURG)
Vera Lucia Gaspar (UDESC)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
<i>Larissa Ferreira</i>	
PREFÁCIO	15
<i>Janja Araujo</i>	
CAPÍTULO 1	
O FEMINISMO NEGRO E SUA METODOLOGIA: a pesquisa ativista feminista negra.....	17
<i>Rosalia de Oliveira Lemos</i>	
CAPÍTULO 2	
A IMPORTÂNCIA DA PERSPECTIVA DE GÊNERO E O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.....	41
<i>Tânia Mara Campos de Almeida</i>	
CAPÍTULO 3	
ECOS DA ABOMINAÇÃO DAS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO: inquisição, exorcismos, psiquiatrização e “ideologia de genero”	57
<i>Tatiana Lionço</i>	
CAPÍTULO 4	
MASCULINIDADES, CUMPLICIDADE E MISOGINIA NA “CASA DOS HOMENS”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil	79
<i>Valeska Zanello</i>	
CAPÍTULO 5	
TODA HISTÓRIA TEM COR: uma breve conversa sobre pluralidade e subjetividades	103
<i>Calila das Mercês</i>	
CAPÍTULO 6	
MULHERES ARTISTAS EM PAUTA: Por uma arte acional diversa.....	109
<i>Larissa Ferreira</i>	
CAPÍTULO 7	
IGUALDADE DE GÊNERO COMO UM DOS PILARES PARA A PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EQUITATIVA DE QUALIDADE.....	135
<i>Veruska Ribeiro Machado</i> <i>Ana Clara Cedro Guimarães</i>	

CAPÍTULO 8	
GÊNERO, EDUCAÇÃO E PODER: tetos de vidro e contradições na gestão escolar	145
<i>Olga Cristina Rocha de Freitas</i>	
CAPÍTULO 9	
EMPODERAMENTO DE GÊNERO MEDIADO PELAS TECNOLOGIAS	163
<i>Cristiane Jorge de Lima Bonfim</i>	
<i>Jaline Gonçalves Mombach</i>	
<i>Alane Beatriz da Nóbrega Martins</i>	
<i>Janara Kalline Leal Lopes de Sousa</i>	
ÍNDICE REMISSIVO	183
SOBRE AS AUTORAS	189

CAPÍTULO 5

TODA HISTÓRIA TEM COR: uma breve conversa sobre pluralidade e subjetividades

*Calila das Mercês*¹

*Mesmo que a realidade responda clarificada
às minhas interrogações desesperadas,
minhas dúvidas atormentam as respostas rápidas,
onde se oculta o enigma do óbvio
e as profundezas do simples.*

*Incomodo incansáveis olhos a mirar o céu
como uma estátua, na esperança de outro dia...
mas, não se libertam da espera nem do fazer tardio.
Jovina Souza² – “Manifesto” em *O caminho das estações**

Quando vou a eventos acadêmicos, sempre fico receosa quando leio na programação grupos ou mesas temáticas com títulos que trazem de forma generalizada as palavras: gênero, mulher e “minorias”. Mesmo compreendendo a urgência destas discussões em espaços de formação e ensino, surge uma nuvem carregada de expectativas: “o que está por detrás disto?”, “será que desta vez falarão (de) pessoas que se parecem comigo?”, “como falarão de pessoas que não estão aqui presentes?”, “será que as/os participantes apresentarão as perspectivas considerando a cor da pele ou trarão olhares como universais?”

Em geral nesses eventos, quando se tem pessoas negras presentes quase sempre são em mesas específicas, como se coubesse sempre a nós, os mesmos espaços de diálogos. Pergunto-me: “falaremos de racismo de novo?”, “por que nossas mesas têm sempre títulos parecidos e racializados, enquanto as demais não têm?” “por que nos eventos somente pessoas não-brancas têm cor?”

O que vejo na maioria dos eventos são propostas racialmente imprecisas camufladas de universalidade. E sempre que me percebo fora em termos de representações, parafraseio bell hooks em pensamento: “e eu não sou uma mulher?” Certamente, para estes eventos não, eu não sou.

1 Escritora, jornalista, pesquisadora do Gelbc e doutoranda em Literatura (UnB). E-mail: caliladasmercês@gmail.com

2 Jovina Souza é escritora negra da Bahia, mestra em Teoria e crítica da literatura e da cultura. Além do livro de poesias *O caminho das estações* (2017), publicou também *Agdá* (2012).

Têm-se visto ampliar no meio acadêmico, cultural, e até nas redes sociais discussões sobre a necessidade da autodefinição, da pluralidade de olhares e vozes das pessoas que correspondem a estas três palavras abrangentes que se interseccionam – gênero, mulher e minorias –, e como elas são significantes para o desmanche de imagens estereotipadas que se perpetuaram como naturais na psique de toda sociedade.

Esses movimentos em prol de mudanças, por exemplo, são realizados há tempos pelos movimentos negros no Brasil e no mundo, e ainda nos custa caro. Ainda requisitamos a marcação de nossos contextos que, por vezes, quando lembrados, são generalizados, reduzidos a uma ou duas frases de efeito ou a um aposto, por grupos que não têm o interesse de mudar o *status quo*, de abrir mão dos privilégios, e de acessar de maneira responsável os nossos conhecimentos, como em um curso sobre “feminismos” que fiz outrora em que a mediadora indicou a leitura do livro da Angela Davis da seguinte forma: “como é mesmo o título daquele vermelhinho que a editora Boitempo fez?”.

Toda vez que pensadoras/pesquisadoras/teóricas negras são *subcitadas*, apresentadas como bibliografia alternativa, complementar ou estão ausentes em ementas de cursos ou referências de trabalhos que se propõem a discutir estas temáticas de forma geral – quando se sabe que pessoas negras é maioria em população no contexto brasileiro e que se tem pesquisas sérias de autoras negras que abordam também o tema – observamos o epistemicídio, como bem nos apresenta Sueli Carneiro (2005).

Limar, omitir, animalizar, reduzir, *folclorizar* a cultura de origem africana e afrodiáspórica, bem como “alisá-la”, embranquecê-la, faz parte do conjunto de violências aliadas ao racismo epistêmico. Quando somente as mulheres negras, por exemplo, são tratadas como objetos de pesquisa, atreladas a dados numéricos negativos, índices de violências e/ou exemplos ligados unicamente a dor. Diante do contexto derivado do racismo estrutural, estas são realidades ligadas às mulheres negras, mas não são as únicas. Mulheres negras também produzem conhecimento sobre si e sobre o mundo.

É possível que mulheres negras também possam ser *sujeitos*?

Grupos e coletivos de mulheres negras são potências em movimentos de lutas políticas, educacionais, culturais e sociais. O pensamento em relação às mulheres negras é muito mais que pensar em si mesmas enquanto indivíduos que sejam capazes, independentes e seguros, mas é algo que fomenta transformar toda a comunidade negra. Segundo a médica e pesquisadora Jurema Werneck, o movimento de mulheres negras é anterior ao conceito criado e nomeado a partir da década de 1970 por “mulheres brancas burguesas europeias”, conceito que traz uma visão ocidental, “fundada numa ignorância profunda acerca das demais mulheres do mundo. Além de se fundamentarem

num individualismo crescente que teve o capitalismo como pano de fundo”. Não se trata somente de uma rota individual, mas de um movimento coletivo.

Ela destaca a categoria ialodê – em língua iorubá Ìyálòdè – como sendo um possível conceito de liderança feminina negra e que tem origem no continente africano, e que chegaram aqui “junto com africanos escravizados – o que aconteceu no final do século XVIII”, como um ponto de vista mais contextualizado de expressar uma ideia feminina negra mais contundente. E é por meio da cosmogonia e gramáticas africanas que se compreende a ideia de ialodê, um dos títulos de Oxum, que é uma divindade de origem nigeriana:

em Ijexá e Ijebu. Ialodê se refere também à representante das mulheres, a alguns tipos de mulheres emblemáticas, lideranças políticas femininas de ação fundamentalmente urbana. É, como dissemos, a representante das mulheres, aquela que fala por todas e participa de instâncias de poder. As ialodês, por outro lado, têm afirmado sua presença e atualidade no século XXI a partir das narrativas corporais e orais, passadas de boca para ouvidos, para olhos atentos, nos diferentes espaços onde a tradição herdada é atualizada. No caso brasileiro, é visto em qualquer comunidade negra, onde a mulher, assumindo papéis de liderança ou responsabilidade coletiva, desenvolve ações de afirmação de um futuro para todo o grupo subordinado. Isto através das lutas por melhorias nas condições materiais de vida, bem como no desenvolvimento de condutas e atividades que visam afirmar a pertinência e atualidade da perspectiva imaterial. Assim, não apenas nas comunidades religiosas afro-brasileiras, onde têm papel fundamental na propagação do axé, mas também nela, a figura da ialodê se faz necessária e celebrada (WERNECK, 2000).

Werneck fala sobre a relação das ialodês com o contemporâneo, sobre as lutas que atravessam muitos séculos, em que a mulher negra representa a si, ao seu grupo com responsabilidade individual-coletiva. A luta não é somente para si, mas para todos que ali se encontram.

Nas minhas pesquisas que envolve literatura contemporânea, relaciono a pluralidade da literatura de mulheres negras que potencializam pontos de vistas, conhecimentos, personagens e lugares. Não são obras de arte literária somente sobre pessoas negras, elas trazem discussões sobre relacionamentos, política, amor, dores, conflitos, sonhos, perdas, conquistas, sentimentos plurais de indivíduos diversos.

Mostrar possibilidades de movimentos, conhecimentos que abrangem a grupos específicos de mulheres, subjetividades advindas de espaços múltiplos, são motivos pelos quais entendo que racializar é uma ação necessária para reduzirmos ruídos em diálogos que podem ser mais construtivos quando se têm pontos de partida diferentes.

Para uma educação que se propõe ser antirracista e atuar como possibilidades de movimentos libertadores, necessitamos ser mais cuidadosas/os e responsáveis quanto a escolha de nossas referências bibliográficas, assumindo as limitações, as lacunas e que tipos de perspectivas se quer apresentar.

Gêneros, mulheres e minorias também têm cor. Na impossibilidade de tratar de forma abrangente a pluralidade de todas as raças, devemos indicar de onde parte o olhar, de onde foi percebido determinados estudos, pensamentos, indagações. O porquê que usei somente determinada/o estudiosa/o branca/o para falar de experiências de mulheres negras. O porquê fiz esta escolha, por exemplo. Isso também dirá muito sobre a pesquisa, sobre a sociedade, sobre os acréscimos e as brechas que toda pesquisa pode apresentar. É responsável seguirmos em espaços de partilhas de conhecimentos sem que endossemos experiências únicas como comuns a todas as pessoas. Em uma das partes da minha pesquisa, transito entre as obras, *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus (1913-1977), e *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo (1946), como marcos³ de escriturais – categoria-conceito alcunhada por Evaristo – e ideias de movimentos de memórias negras, as relações das obras com as personagens mulheres negras, a terra, a Terra, e trânsitos geográficos e de perspectivas. E também, as escolhi, porque as autoras foram as que primeiro chegaram ao meu conhecimento como escritoras negras brasileiras. Foram elas as primeiras a formatar a minha consciência negra, em termos de possibilidades, dentro do contexto da arte literária.

Eu faço questão de dizer isso, como um lembrete para não tornarmos as mulheres negras como se todas fossem e estivessem aplicadas a conceitos únicos, a unísonas ideologias de mulheres, mesmo que observemos mais pontes que muros. Cada mulher negra, assim como qualquer indivíduo, tem suas subjetividades, suas experiências, suas gramáticas, e linguagens para se movimentar dentro da arte literária e da sociedade. É preciso compreender e respeitar os (des)encontros e não automaticamente induzir ou rotular pessoas negras e obras que antes mesmo do surgimento de certas categorias, conceitos, ideologias, já se fazia presente com a força e com nomenclaturas próprias e também pungentes, enquanto movimentos de mulheres negras plurais.

3 As duas obras foram publicadas em momentos diferentes, e além de trazer personagens negras com suas subjetividades, contextualizam o período histórico, a construção e o desenvolvimento, no século passado, do Estado brasileiro e como os grupos sociais, aos quais as narradoras pertenciam, estavam destinados aos quartos de despejo. Se em *Diário de Bitita* temos a noção do Brasil entre os primeiros anos do século XX, em que o país caminhava para a modernização com a urbanização e promessas de progresso com Getúlio Vargas (1930-1945), em *Becos da memória*, escrito entre os anos de 1987-1988, logo após a ditadura militar no Brasil (e publicado somente 20 anos depois), período turbulento, cheio de feridas e cicatrizes, temos uma narrativa ocorrida como continuidade histórica da primeira. O último é um romance inspirado em uma crônica de 1968, a história compreende o contexto em que o desfavelamento se ratifica como necessidade dos que estão no poder de “limpar” os centros urbanos e de punir, como fizeram antes com os escravizados, aquelas pessoas negras e pobres por estarem “no lugar errado” e, especialmente, por olharem como forma de resistência (HOOKS, 2019).

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/22573825-Descolonizando-o-conhecimento-uma-palestra-performance-de-grada-kilomba.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

WERNECK, Jurema. **Of Ialodês and Feminists: Reflections on Black Women's Political Action in Latin America and the Caribbean**. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0921374007077383?journalCode=cdy>. Acesso em: 1 dez. 2018.

